

Yvy marãey

renovar o eterno

*Maria Inês Ladeira**

"Vou perguntar para vocês, meus parentes, como é que cada um vê, o que cada um sabe sobre yvy marãey, o lugar, a morada de Nhanderu, (Nhanderu ikuaiá, Nhanderu yvy, Nhanderu retã), a terra de nossos pais verdadeiros, como eles vivem; vou perguntar o que cada um sabe."

A busca de alcançar *yvy marãey*, que a literatura etnográfica e histórica convencionou chamar de "procura da terra sem mal", tem sido um dos temas mais debatidos pelos estudiosos da cultura Guarani. Quando não é o tema central perpassa, inevitavelmente, toda investigação acerca dos deslocamentos e dos movimentos migratórios desse grupo indígena¹.

Migração mbya

Mapear as causas internas de movimentos migratórios ou de deslocamentos, que ocorrem numa sociedade dinâmica, com instituições vivas, que vive num vasto e complexo espaço geográfico e polí-

* Mestre em Antropologia Social pela PUC de São Paulo, doutoranda em Geografia Humana/USP, membro fundador do CTI - Centro de Trabalho Indigenista.

¹ As razões dos movimentos migratórios Guarani foram discutidas e investigadas por autores consagrados, tais como: Nimuendaju, Métraux, Clastres (Hélène e Pierre), Susnik e Melià. Estes autores apontaram várias hipóteses e razões, de ordem histórica, ideológica, religiosa e ecológica para esses movimentos. Trabalhos recentes tem analisado referências mais antigas como as dos cronistas e/ou estabelecido um diálogo com esses autores, acrescentando as análises de Cadogan cuja fonte são os próprios mitos e discursos dos Mbya Guarani de Guaira. Dentre esses trabalhos, destaque entre os de autores brasileiros, ou publicados no Brasil: Díaz Martínez, Noemí, *La Migration Mbya Guarani*, *Dédalo* no.24, MAE/USP, 1985; Costa, Zibel, *Habitación Guarani - Tradição Construtiva e Mitologia*, FAU/USP, 1989; Monteiro, John, *Os Guarani e a História do Brasil Meridional - séculos XVI - XVIII*, in: *História dos Índios no Brasil Colonial*, Cia das Letras, 1992; Vainfas, Ronaldo, *A Heresia dos Índios*, Cia das Letras, 1996; Garlet, I., *Mobilidade Mbya: História e Significação*, PUC de Porto Alegre, RS, 1997; Litaiff, Aldo, *As Divinas Palavras - identidade étnica dos Guarani - Mbya*, Florianópolis, UFSC, 1996.

tico, como a Guarani, é uma tarefa sem fim, tão árdua quanto reveladora. Da mesma forma, muitas podem ser as razões desses movimentos, decorrentes dos diversos fatores de pressão exercidos sobre as sociedades indígenas, antes, durante e após a Conquista, e nos dias de hoje. Penso todavia que não devem ser interpretadas numa perspectiva de exclusão as hipóteses levantadas pelos autores clássicos, que hoje são nossa referência e que tanto contribuíram sobre o tema.

Porém, de um modo geral, "a marcha para leste" em busca da "terra sem mal", "terra de abundância", "paraíso mítico" situado além mar ao qual "heróis divinizados" conseguiram ascender, é tratada hoje enquanto movimentos religiosos e/ou vinculados a fatos históricos encerrados num tempo passado, sem lugar no presente, mas fortemente reconhecido no corpo de mitos Guarani.

A resistência em se conferir legitimidade aos movimentos atuais que têm como base alcançar *yvy marãey* talvez ocorra em razão destes parecerem, aos olhares de hoje, desprovidos do caráter míticoheróico idealizado pelos autores que se referem aos empreendimentos passados. (Também para isso deve contribuir a maior visibilidade dos Guarani e de suas aldeias no litoral Atlântico, cuja presença e ambiente não correspondem, de um modo geral, aos padrões do imaginário nacional formado pelas imagens exuberantes e exóticas das populações e matas nativas desse mesmo litoral, nos idos de 1500).

Assim como viver junto as matas, e tudo o que isso significa e implica para o Guarani apesar das dificuldades atuais, é um princípio comum, também o raro êxito em atingir e viver *yvy marãey* faz parte do ideário Guarani reproduzido por alguns grupos familiares Mbya que deslocam-se em várias regiões, alcançando o oceano ao leste ou voltando para ele.²

Neste pequeno artigo, entretanto, não serão discutidas questões referentes à "procura da terra sem mal" nem se fará o questionamento das suas hipóteses, que não considero excludentes. O que busco alcançar de *yvy marãey*, através de seu significado para os Mbya, são

² Já mencionamos que os movimentos migratórios não devem ser confundidos com a mobilidade entre as aldeias relacionada às dinâmicas sociais e econômicas tais como: casamentos, visitas de parentes, reciprocidades etc., que foram abordadas em outros trabalhos (Ladeira, Mbya Tekoa Nosso Lugar, in São Paulo em Perspectiva, Ecologia e Meio Ambiente, SEADE, 1989; Migrações Guarani Mbya, in Travessia- índios e Territórios, 1996; Ladeira e Azanha, Os Índios da Serra do Mar, Nova Stella-CTI, 1988. Além destes, nos títulos da autora que constam na Bibliografia deste artigo).

indícios de como é esse lugar e qual a influência ecológica e espacial desse conceito nos locais ocupados pelas famílias Mbya, sobretudo na faixa litorânea do Brasil de hoje. Como encontram e constroem seus lugares a partir dos seus princípios e qualidades? Como refletem sobre as condições atuais de vida e de relacionamento social, tendo como padrão as características dos elementos existentes de *yvy marãey*? Não desejo esclarecer, por mais tempo que ainda venha a trabalhar junto aos Mbya, todas essas dúvidas, mas sim permanecer num processo contínuo de indagação e reflexão.³

Os ensinamentos de Cadogan

As inúmeras informações transmitidas por León Cadogan são constantemente reproduzidas como suporte de nossas pesquisas cujas conclusões só fazem reiterar suas análises. Acredito que aqueles que, como eu, têm o privilégio de trabalhar com os Mbya e tê-los como interlocutores⁴, a contribuição que podemos dar hoje, ao trabalho inigualável de Cadogan, é tornar visível a literatura e o pensamento Mbya, suas idéias e reflexões atualizadas sobre diversos temas. Isso, talvez nos ajude a compreendê-los um pouco e aceitar suas estratégias, dinâmicas e contradições enquanto sociedade.

"Eu não sei bem direito como é *yvy marãey*, mas vou falar um pouco como estou imaginando. ... uma terra boa, *yvy porã*, com um vento bom, com árvores. Eu gosto de imaginar, *aexãã*."

³ Para as considerações sobre esse tema restringi-me a uma conversa pode-se dizer informal, ocorrida neste ano de 1999, entre genros, filhos e o chefe de uma família numerosa, sem a presença de um líder espiritual. Essa conversa foi posteriormente traduzida, apesar da dificuldade de encontrar similares de algumas expressões em português, em outra aldeia. O chefe desta família nasceu na aldeia de Guarita -RS, seus pais eram provenientes de Misiones, passou a infância na aldeia de Xapecó - SC. Na juventude juntou-se a um grupo familiar que vivia na aldeia Palmeirinha - Pr, o qual chegou às aldeias do litoral sul de São Paulo há cerca de 30 anos. Tem parentes em aldeias de Sc e RJ.

⁴ Desde 1979, o CTI - Centro de Trabalho Indigenista atua junto às aldeias Guarani no litoral com projetos voltados à regularização fundiária e, mais recentemente, à recuperação ambiental.

"Eu vejo que *Nhanderu retã* é um lugar bonito, não há tristeza, sempre se vive feliz, *javya*, e a água é sadia, *y y porãve*."

"*Nhanderu retã* é bem bonito, tudo é dourado, é o lugar onde nasce o sol, *Kuaray Ru Ete*".

"*Yvy marãey* é para os Mbya, a terra sem fim, onde nada tem fim, a terra perfeita onde tudo é bom, o lugar de *Nhanderu* e de sua comunidade celeste. Seu significado está contido nas expressões *yvy marãey*, *yvyju porã*, *Nhanderu amba*, *Nhanderu retã*, e situase na direção de *nhande renondére* (à nossa frente), onde nasce o sol." (Ladeira, 1992:17,18).

O conceito de *yvy marãey* tem sido abordado segundo a tradução de Montoya, enquanto "suelo intacto, que no ha sido edificado". Assim como "*caá mārãney*, monte donde no han sacado pelos, ni se ha traqueado". O termo *mārãney* é traduzido por Montoya como "bueno, entero, incorrupto". (Montoya, 1876:209).

Pretendo ampliar os limites dessa interpretação apontando, ainda que parcial e resumidamente, outro aspecto relativo ao conceito de *yvy marãey*, que reside no conteúdo de "eternidade" que, conforme tradução de amigos Mbya de várias regiões, está contida na própria semântica da expressão. Esse sentido de eternidade, de certa forma, está presente na constituição do *tekoa*, em algumas normas de comportamento e até nas transgressões, que inviabilizam seu alcance. É ainda uma qualidade intrínseca dos seres perfeitos que nunca se estragam daí o sentido de saúde e pureza.⁵

"Em *yvy marãey*, todos se levantam bem e se cumprimentam com alegria, ninguém fica bravo nem briga. Em *yvy marãey* tudo é bom e se vive feliz, porque não existe o mal, só se vê o bem. Lá, a felicidade também é eterna. Isso eu ouvi dos avós antigos.

"Lá tem plantações *marãey*, mas todos os dias estão limpando, estão cuidando de *Nhanderu retã*. As plantações não morrem, são eternas e sempre cuidadas, não é como

⁵ Também o conceito de belo parece não existir isoladamente. Nada é belo se não for bom; o termo *porã* reúne os dois sentidos.

aqui na terra. Lá não existe doença, sempre tudo é sadio, porque tudo é *marãey*."

Todos os elementos gerados em *Nhanderu retã*, ainda que escassos, existem neste "mundo imperfeito", *yvy vai*. Já as coisas criadas aqui são, como dizem, "imitação", *hesegua*, das coisas de *Nhanderu retã*. "São criadas e destruídas neste mundo. Não são *marãey*, são *marã* e se estragam". (Com este pensamento referem-se tanto aos gêneros agrícolas e aos animais, como aos bens industrializados; enfim, a tudo o que é produzido e utilizado pelos "brancos". Caracterizam-se por sua existência temporária, pela pouca durabilidade e consequente necessidade de reparos para sua manutenção (coisasobjetos) e também pela produção de lixo).

"Em *yvy marãey* não existe sujeira, *kya*, e, todas as tardes, a *opy* está limpa, porque a *opy* é *marãey*. Lá a terra não tem sujeira."

O vínculo com *Nhanderu retã*, se dá a partir da presença, neste mundo, das criações originais. A comunicação, além dos rituais na *opy*, é feita através de animais como a queixada, *koxi*, que "transita entre esse mundo e a morada de *Nhanderu kuéry*; das almas que revelam através dos sonhos o que lá acontece e daqueles que se tornam *Nhanderu* aqui na terra.

"*Nhanderu* vê tudo o que acontece nesse mundo mas nós, que fomos feitos aqui na terra, não podemos ver o que acontece em *yvy marãey*. Nós que estamos aqui na terra imperfeita *yvy vai*, não enxergamos *Nhanderu retã*, mas nossas almas é que contam como é *yvy marãey*. Todos nós sabemos que em *Nhanderu retã* tudo é eterno. Assim ouvi de meus avós. Eu não vi, mas meus avós contavam e eu me lembro até hoje. Também nos sonhos nós vemos porque nossas almas mostram nos sonhos."

Dentre as espécies de *yvy marãey*, na terra, o milho, *avaxi etei*, e seu plantio e colheita, asseguram a perpetuação dos ciclos da vida social através do ritual de atribuição do nome às crianças, *nimongarai*,

realizado a cada *ara pyau* (tempos novos, tempos das chuvas e trovoadas). Por sua vez, este ritual pede a presença de um dirigente espiritual e da casa de rezas, *opy*, que, por ser o local mais propício à comunicação com *Nhanderu ete*, "eterniza o lugar". Portanto, é preciso viver em comunidade com todos os seres que povoam o lugar, constituindo em *tekoa porã*, onde o intercâmbio com *yvy marãey* é realizável.

Existir uma fonte de água banhada pelo sol nascente, a palmeira eterna, (*pindo etei, jerivá*), reproduzir os cultivares "verdadeiros" (espécies de amendoim, batata doce, feijão de corda, melancia, fumo e outros) impõe, na terra, ao menos duas condições para se compor o *tekoa*: a dádiva (herança) e o empenho (o trabalho criador).

O *tekoa* de *Nhanderu*

Melià, que propõe uma discussão abrangente sobre o conceito de *tekoha*, "la tierra buena" dos Guarani, afirma que "la ecología guaraní no es solo naturaleza ni se define por su valor exclusivamente productivo" e que "el tekoha, com toda su materialidad terrenal, es sobre todo una interrelación de espacios culturales, económicos, sociales, religiosos y políticos." (Melià, 1991; 645).

"Agora vou perguntar para meu pai, o que ele vê, o que ele sabe da morada de nossos pais, *Nhanderu ete*..."

"Quando eu era criança, os avós me ensinavam, contavam histórias de *Nhanderu retã*, e quando eu ouvi eu aprendi que esse mundo, *yvy vai*, é diferente de *Nhanderu retã*. Porque aqui nós temos que plantar a semente embaixo da terra para nascer. Lá todas as plantas nascem e se espalham sozinhas em cima da terra e todas as coisas são *marãey*, nunca se acabam. E quando colhem a batata doce, *jety ju*,⁶ já nasce outra no lugar. E todas as plantações são assim. E o vento é *marãey*, e a água é *marãey*."

⁶ Segundo os Mbya, a cor amarela das primeiras fezes dos recém nascidos é devida ao consumo de *jety ju* em *Nhanderu retã*, o que indica a proveniência das almas de *Nhanderu retã* e as legitimam como filhos de *Nhanderu ete*.

"Quando os Mbya referem-se a *yvy marãey*, a terra que não termina e onde nada tem fim, a fartura que ela contém está na qualidade e nas características dos alimentos, das plantas dos animais e da água." (Ladeira, 92; 87). "*Yvy marãey* é composta por elementos originais que não se esgotam. E esta virtude não reside no aspecto quantitativo, mas na qualidade de perenidade de seus elementos". (Ladeira, 1996). Essa condição, norteadora da economia Mbya remete a um conceito de abundância fundado no princípio da continuidade através de uma constante renovação dos ciclos, e não no da quantidade dos gêneros. "Quando os Mbya transportam as sementes do *avaxi etei*, "eles não estão preocupados em produzir grandes roças mas sim em perpetuar sua produção através do mesmo ciclo reproduzindo o mundo original" (92;87).

Num certo sentido, a idéia de renovação dos seres, através da renovação dos ciclos, reflete a idéia de se fazer parte de um mesmo sistema, onde a noção de perfeição está associada à de perenidade (indestrutibilidade) que por sua vez é assegurada pela dinâmica da renovação.

"Lá, acontece assim: em *ara pyau* (tempos novos, "primavera") *Nhanderu kuéry* são novos também. Quando é *ara yma* ("inverno") eles ficam velhinhos também, mas quando acaba o inverno eles ficam novos, mocinhos, outra vez é *ara pyau*. E aqui na terra não é igual, porque aqui em *yvy vai*, as pessoas nascem, ficam adultas, envelhecem, depois morrem porque não renovam outra vez. Em *Nhanderu retã* não existe doença, *mbae achy*, *Nhanderu Kuéry* envelhecem e depois ficam moços de novo, sempre assim, *aérami*, *aérami*, *aérami*."

O que buscam os Mbya nesta terra, *yvy vai*, são as condições apropriadas para viverem segundo seu sistema, através dos elementos renovadores de *yvy marãey*, e para estarem mais perto da possibilidade de atingir a imortalidade. Assim a busca de *yvy marãey* não é de um lugar preciso mas sim da imortalidade, da legitimação e da continuidade da própria sociedade Guarani. Portanto, os grandes movimentos do passado, liderados por "xamãs" consagrados, significavam também a "salvação" da sociedade através da perpetuação de alguns eleitos

que continuaram a ditar as normas do comportamento Guarani e, como princípio, a insubordinação à qualquer tipo de dominação exterior.

Penso que os Guarani Mbya mantêm precisa e vívidamente a configuração de um "território tradicional" através de suas inúmeras aldeias distribuídas em seu interior e em seu "contorno". Isto significa que, para eles, o conceito de território supera os limites físicos das aldeias e trilhas e está associado a uma noção de mundo que implica na redefinição constante das relações multiétnicas, no compartilhar espaços, etc. O seu domínio, por sua vez, se afirma no fato de que, definitivamente, para os Mbya suas relações de reciprocidade e de economia não se encerram exclusivamente nem em suas aldeias, nem em complexos geográficos contínuos. Elas ocorrem no âmbito do "mundo" onde se configura este seu "território". Assim, o domínio de um amplo território acontece através das dinâmicas sociais, "econômicas" e políticas e dos movimentos migratórios realizados ainda hoje por famílias do subgrupo Mbya. Entretanto, por não ter sido possível a manutenção de um território contínuo —constituindo-se numa sociedade repartida em "ilhas" onde formam suas aldeias— sua qualidade de vida ficou comprometida, sobretudo devido à degeneração e extinção de recursos naturais provocados pelos modos de ocupação e de desenvolvimento das sociedades envolventes (Ladeira, 97).

Melià consegue obter a síntese entre a vivência religiosa e a base ecológica, na busca de la "tierra sin mal y de una tierra nueva". "Anímicamente el Guarani es un pueblo en éxodo, aunque no desenraizado, ya que la tierra que busca es la que le sirve de base ecológica, hoy como en tiempos pasados y como será mañana. A lo largo de los últimos 1500 años —período en que las tribus Guaraní pueden considerarse formadas con sus características propias— los Guaraní se han mostrado fieles a su ecología tradicional, no por inercia, sino por el trabajo activo que supone la recreación y la búsqueda de las condiciones ambientales más adecuadas para el desarrollo de su modo de ser..." (1991:15).

As criações de *Nhanderu*, envolvendo as espécies vegetais e animais⁷ são encontradas e podem ser cultivadas em todo o espaço geo-

⁷ Não nos deteremos ao estudo das espécies animais e vegetais constantes do acervo cultural Guarani, o que implica num vasto e rico estudo de interesse de alguns pesquisadores, além de Cadogan. Entre os animais de caça, mais citados pelos Mbya

gráfico compreendido pelo sistema de relações que definem o atual território Guarani Mbya —leste do Paraguai, nordeste da Argentina, sul e sudeste do Brasil—. Isso pode significar ainda que esses seres, originados em *Nhanderu retã* e que povoam o mundo terreno (*yvy vai*), apesar das poucas matas que restaram, são o testemunho vivo das andanças de *Nhanderu*, dos "avós antigos" e foram deixados de herança para eles, para que possam exercer o seu "modo de ser", *Mbya reko*. Essa é a prova mais autêntica, para os Mbya do que chamamos de seus "direitos sobre a terra".⁸ Caberia aqui ainda a menção da divisão do mundo terreno feita por *Nhanderu*, destinando as matas aos Mbya e os campos aos brancos, que não contentes com sua parcela se apropriaram também das matas. Discursos críticos sobre esse fato, foram ouvidos em aldeias do Brasil, Argentina e Paraguai. Para os Mbya cuja rede de relações de parentesco e conseqüente mobilidade (Ladeira, 88, 89, 92) lhes permite manter a comunicação, suas dinâmicas sociais e a sua configuração de mundo, envolvendo tantos e distantes lugares, o reconhecimento das estruturas desse mundo acontece ao encontrar, reproduzir, conservar os elementos gerados em *Nhanderu retã*, marcados pela perenidade.

Kandire

Devido à diminuição de sua herança na terra⁹, os Guarani Mbya estão em constante processo de discussão sobre as possibilidades e alternativas de vida neste mundo *yvy ivai* e as dificuldades em alcançar *yvy marãey*.

"*Nhanderu kuéry* quando nos envia a essa terra nos aconselha a viver como eles, a comer os alimentos gerados por eles em *Nhanderu yvy*, como se estivéssemos de visita passageira, em *yvy vai*. Mas já não conseguimos viver como eles nos aconselham, não obedecemos as palavras de *Nhanderu*,

estão a anta, a paca, a cutia e, dentre eles, o koxi que transita entre *yvy vai* e *nhanderu retã* (Ladeira, 1992). E entre as árvores, o pindó etei (jerivá) e *yáry* (cedro)....

⁸ A partir do trabalho de regularização de áreas Guarani-Mbya e da pesquisa de mestrado, elaborei outros trabalhos, referentes à questão territorial, não aprofundada neste artigo.

⁹ Resta somente cerca de 8% da Mata Atlântica original (SOS Mata Atlântica, 1999), que não estão à disposição dos Guarani.

porisso eles modificaram, colocaram o limite de viver. Os mais velhos contam a verdade porque o mundo de *Nhanderu* é eterno."

A imortalidade pensada sob a dimensão da eternidade que resgata o passado, através do retorno da alma às suas origens, e o integra ao presente, unindo para sempre a alma ao corpo sempre renovado, creio que sempre está na consciência Mbya. O anseio de viver em *Nhanderu retã*, confirmar sua autenticidade enquanto criatura original, implica em concentração e esforço de criação manifesto em performances, caminhadas e palavras, até a ato de transformação do corpo terreno em substância eterna. E, assim, poder habitar em *yvy marãey*, tornarse *Nhanderu* e também um criador. "Também os "eleitos" que conseguem alcançar a terra da eternidade extraíram de si tal característica ou dom, de atingir a imortalidade atravessando com o corpo e a alma a grande água que se entrepõe entre a terra imperfeita (*yvy vai*, o mundo terreno) e a terra perfeita". (Ladeira, 96)

Cadogan (1949:674, 675) aborda como "purificar a alma e o corpo para ingressar no paraíso ou *yvy marãey*, sem sofrer a prova da morte". Sintetizando, "el postulante (...el que posee la buena ciencia...)" após receber uma mensagem "de su dios tutelar", se dedica à obtenção do "fervor religioso" na casa de rezas. Através das danças e cantos (exercícios espirituais), de dietas alimentares abolindo sobretudo a ingestão de carnes, adquire "valor y fortaleza". Após algum tempo, alcança o estado de perfeição: *aguyje*. Nesse estado, segundo Cadogan, deve vencer uma série de tentações. Se consegue vencer todas as provações, alcança o estado de *kandire*.¹⁰ (*kã* = huesos; *ndikuéri* = se mantiene fresco, não apodrece, conforme tradução de *kandire* feita por Cadogan a partir de Montoya em seu *Tesoro de la Lengua Guarani*, que lhe possibilita deslocarse a *yvy marãey*)

Do que pude apreender da leitura de Cadogan e de conversas com alguns Mbya, aquele(a) que está em *aguyje* —em estado de perfeição espiritual e mental— alcança o *kandire* —a perfeição do corpo—; de fato, encontrase em plena "maturidade", isto é, desenvolveuse completamente e está pronto(a) para viver em *yvy marãey*.

¹⁰ O culto aos ossos e sua analogia à ascensão à *yvy marãey*, mencionado por Cadogan merecem estudos mais aprofundados.



Aldeia Pindoty, Mun. Pariquera Açú, São Paulo (Brasil)

(Foto: M.I. Ladeira, jan. 2000)

Portanto, ao chegar ao estado de *kandire* a pessoa já adquire a imortalidade pois, além do *aguyje*, obteve o "frescor" e a perfeição dos ossos que a mantém ereta. Nesse sentido, a imortalidade é conseguida ainda neste mundo imperfeito, *yvy vai*, o que implica que as condições para tal precisam ser procuradas e encontradas aqui. Esse é o desafio.

A caminhada

Conforme Cadogan, (1959;143), os exercícios espirituais livram gradativamente o corpo das imperfeições, *teko achy*, e adquire a leveza e "sin sufrir la prueba de la muerte, ingresa en el Yva o Yvy Marã Ey, para cuyo objeto cruza el mar que separa la tierra del paraiso". Mas refere-se que, antes, ainda é preciso proceder a uma grande peregrinação através do mundo, que termina em "*Para Guachu Rapyta, el origen del mar grande, última etapa terrestre del viaje*". O mito de *Karai Ru Ete Miri*, transcrito por Cadogan (1959: 145148), relata as provações pelas quais passou *Kapitã Chiku* na aldeia e na cidade entre os "extranjeros", antes de divinizar-se.¹¹ Cadogan menciona ainda outras experiências e sugere que um estudo mais profundo sobre esses "heróis divinizados" que conseguiram alcançar *yvy marãey* "esclareceria muito sobre as grandes migrações Guaraní em direção ao mar". Faltam heróis? Alguns pequenos grupos estão há anos deslocando-se em vários pontos do litoral, passando por privações sérias sem aceitar qualquer apoio sistemático; em outras palavras tentando escapar de qualquer dominação.

Alguns, dentre os Mbya contemporâneos, também informaram que a revelação do lugar, ponto de partida para *yvy marãey*, após o êxito de todas as provas, acontece a partir das caminhadas, *ogua* porã, onde o dirigente espiritual recebe as orientações do rumo a seguir, do lugar de se parar, do lugar se ficar, plantar e construir a *opy*. Esse é o período das provas que, hoje, muitas vezes são simbolizadas pelas privações, sobretudo alimentares.

Estes lugares podem estar no centro do mundo, *yvy mbyte* como nas suas bordas à margem do oceano, *yvy apy*. Em meio às ruínas de Trinidad e San Cosme, no Paraguai, existem locais "sagrados"

¹¹ Outra versão desse mito feita por Lorenzo Ramos (Tekoa Marangatu - Misiones) consta de *El Canto Resplandeciente* (compilación, prólogo y notas de Carlos Martínez Gamba), Ed del Sol, Buenos Aires, 1984.

(tradução deles) identificados com emoção pelos Mbya, de onde sai um caminho pelo qual "aqueles que alcançaram a plenitude" chegaram ao oceano e o atravessaram.¹²

"*Yvy marãey* está sobre esse mundo, na direção do nascimento do sol, *nhanderenondere*. Sobre esse mundo estão as moradas dos outros *nhee ru ete*. Mas o caminho está na direção leste, atravessando o mar, onde nasceu *Kuaray*."¹³

Que é preciso atravessar o oceano, afirmam, mas na verdade, o ponto de partida pode ser revelado por *Nhanderu* em qualquer local da terra, *vyy vai*, onde possam viver segundo seu modo de ser. É preciso, entretanto, caminhar sob a orientação divina, parando, plantando, passando privações, até o momento da revelação final.

Tatax

"Movimentos orientados, dirigidos, liderados, por mulheres e/ou homens foram realizados, registrados e incorporados na memória Guarani, em tempos e lugares diferentes, tendo alguns desses antepassados logrado êxito nesse empreendimento coletivo de alcançar *yvy marãey*. Assim, apesar de eu ter trabalhado e registrado em uma versão mítica que incorporou, não exclusiva mas implícita e acentuadamente, as "caminhadas" do grupo de *Tataxĩ* até *yvy apy*, aldeia Boa Esperança, colocada então como limite "norte" no leste (*nhande renondére*), não é pelo fato desse movimento estar tão presente em alguns de nós que, nesse tempo e em alguns lugares, vivemos algumas experiências com os Mbya, que ele deve ser privilegiado historicamente em relação à outros movimentos.

Essa "velhinha encantada", como a chamavam alguns, teria alcançado a "plenitude" e todas as condições de chegar em *yvy marãey*,

¹² Essas indicações foram feitas durante viagem realizada em janeiro de 1997, em companhia de dirigentes espirituais de comunidades do litoral brasileiro (ES, RJ, SP, Pr, SC) e algumas aldeias da Argentina e do Paraguai, quando então visitamos essas ruínas. Visita que tanto emocionou os Mbya quando referiram-se à sua versão histórica sobre o lugar das missões e os trabalhos de suas construções. Essa visita foi documentada no vídeo "Jaguata Pyau" / A terra onde pisamos - CTI, 1998.

¹³ Mario, nasceu em Misiones - Argentina e cresceu em Palmeirinha - Pr.

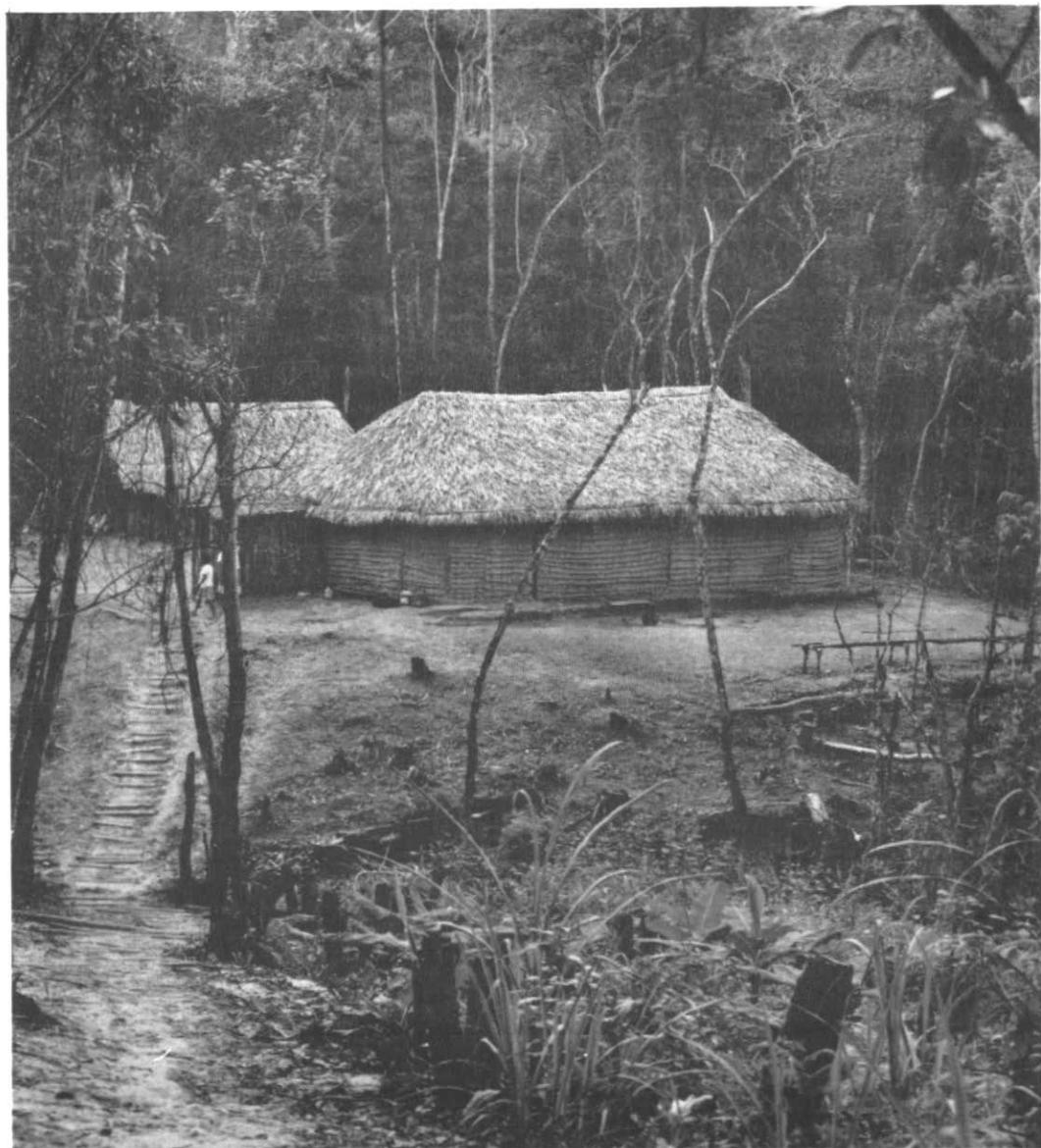
pela sabedoria que possuía e pelos ensinamentos que deixou. Creio que por lhe ter sido aberta a possibilidade de atingir *yvy marãey*, a aldeia onde vivia em *yvy apy* era *tekoa porã*, ponto de partida para se atingir *Nhanderu retã*.

Segundo dizem, *Tataxi* foi uma das poucas pessoas nesse mundo contemporâneo, a quem foi oferecida a possibilidade real de alcançar *yvy marãey* com a chegada do *apyka* que veio buscála. Esse empreendimento individual, que depende entretanto de um empenho coletivo, representa talvez o maior desafio social para um dirigente espiritual, aquele que conseguiria alcançar *yvy marãey* com todo o seu grupo familiar. Dizem alguns que *Tataxi* não quis partir sozinha, deixando para trás seus familiares, pois estes não haviam sido eleitos, “não escutaram as palavras de *Nhanderu*”. Segundo justificam, havia mestiços entre eles e o consumo exagerado de gêneros impróprios e bebidas alcóolicas inviabilizou a jornada. Poucos anos antes de morrer, deprimida e doente, após tentar realizar tantas mensagens recebidas em sonhos, em seu depoimento em 1988, (in Ladeira 1992) *Tataxi* continua transmitindo as mesmas mensagens e conselhos ao seu público alvo, os *Mbya*.

“Se seus ensinamentos não eram seguidos, sua autoridade se legitimava por seu amor e abnegação ao recusar a eternidade, no seu empenho infinito de tentar a salvação coletiva de seus filhos. Se o caminho que desejou para os de sua aldeia não está sendo trilhado, seu discurso é perpetuado por alguns de seus descendentes...”¹⁴

Nesse sentido, “para alcançar *yvy marãey* é preciso um esforço individual que depende de um empenho coletivo que propicie que todos, juntos ou individualmente, consigam realizar o ideal comum.” (Ladeira, 92; 62). Muitos que tentaram levar seus familiares que não estavam “preparados” tiveram seu empreendimento frustrado.

¹⁴ Trechos de carta enviada à Celeste Ciccarone, em 1999, sobre a líder espiritual Maria Carvalho, *Tataxi*(~).



Aldeia Pindoty, Mun. Pariquera Açú, São Paulo (Brasil)

(Foto: M.I. Ladeira, dez. 1999)

Uma busca fracassada

Conheci alguns grupos familiares, cuja movimentação acelerou nos últimos anos, com a iminência de um novo cataclisma que se aproxima. A impaciência, que as vezes não conseguem ocultar, ante a insistência de algumas instituições (como nós), preocupadas com a escassez de terras e matas, em apoiar sua fixação, suas roças, fazer planos para o lugar, demonstram a intenção de permanência provisória do grupo, que com respostas evasivas ante o fracasso das colheitas, ainda surpreendem-nos com sua partida a locais para nós menos adequados, de onde de novo partem e de novo partem para viverem novas dificuldades. Serão essas as privações, as provas de *Nhanderu*? O fracasso é corriqueiro e particular ao grupo que o vive, cuja inconstância é ironizada por integrantes de outros grupos familiares com quem não tem reciprocidade. Mas o êxito, raro, é recompensado pelo reconhecimento coletivo no âmbito da sociedade como um todo.

Assim como ridicularizam os fracassos de si próprios e dos outros, os Mbya amam seus "profetas", cultuam seus *Nhanderu*, precisam deles, querem que se manifestem dentre eles, esses que terão a responsabilidade de unir e garantir os dois mundos: *yvy vai* e *yvy marãey*. Assim a vivência de cada grupo familiar, de cada comunidade, as experiências variadas e as esperanças comuns vão compondo a história Mbya, vivida dentro de cada contexto político e social que compreende distintas sociedades nacionais, agregando as circunstâncias históricas desses outros povos que se interpõem a eles, e assim criam uma leitura própria compartilhada e criticada de sua própria sociedade.

A vigência de um modelo de práticas para alcançar *yvy marãey* cultivado pelos Mbya, apesar, ou devido à sua essência religiosa,¹⁵ não exclui a avaliação crítica dos Mbya de outros fatores responsáveis por deslocamentos, desagregação social, desestímulo de plantar. Entretanto as diversas interpretações sobre as reações dos Mbya frente as condições que lhe são impostas, e as suas próprias críticas e ironias não apagam a marca dessas próprias reações que, por sua vez, confere a sua marca de povo.

¹⁵ Sem aprofundar a questão nem o conceito de religião e, neste contexto, definindo-a como um "sistema de pensamento ou crença que envolve uma posição filosófica, ética, metafísica, etc."; Holanda, A Buarque, Dicionário Básico da Língua Portuguesa, 1995.

“Em Nhanderu retã as coisas nunca acabam. Nhanderu Kuéry ikuai são eternos. Mas aqui na terra é diferente, porque nosso corpo não é perfeito. Nós morremos e nosso corpo fica na terra. Nosso corpo, nhande rete, é feito na terra (é material da terra), mas nossas almas são eternas e vão se juntar em Nhanderu retã. Então nossa vida é assim.”

Se atingir *yvy marãey* tornase inviável para a maioria, há o consolo da certeza de que, após a morte, as almas voltarão para *Nhanderu retã*. Assim, aqueles que desistiram de tentar, acomodados na situação atual em que se encontram, próximos do “branco”, incorporando as “criações” destes no dia a dia, consumindo os alimentos impróprios já assumiram a brevidade de seu corpo, cuja deterioração e “transformação em terra” é certa. Esperam somente que sua alma não se perca muito tempo no caminho de volta a *Nhanderu retã*. De toda forma, as normas que levam à eternidade orientam de fato a uma vida mais sadia, ao propor, entre outras coisas, o consumo de produtos naturais ao invés de alimentos industrializados e artificiais.

Grande parte da população do litoral nasceu, casou e procriou nessas aldeias. Isto que dizer que não são todos que têm a pretensão ou sentem a possibilidade dos “antigos avós” que, através das revelações, ou até numa tentativa de aproximação física do oceano ou das condições geográficas e ambientais do litoral (matas, serras), abreviando o caminho para *yvy marãey*, se dirigiram para o leste e aqui permaneceram.

Muitos ironizam a própria situação dizendo que a borda do oceano (sul e sudeste do Brasil) pontilhados de aldeias, assim como prova de fracasso será sempre a prova da busca e da possibilidade. Contam histórias e piadas sobre fracassos como numa ocasião, há décadas atrás, após muitas orações a beira do mar (antigamente, podiam orar em praias desertas, que ainda haviam) um dirigente espiritual avistou, vindo do mar, o *apyka*. Pensando tratar-se de um chamado de *Nhanderu*, e para abreviar a espera, atirouse ao mar em direção do *apyka*. Quase morreu afogado, não fosse o pescador cuja canoa fora a esperança de vida eterna. Contaram, entre muitos risos, que além de salvar a vida do dirigente *Mbya*, com muita pena dos índios este pescador lhes deu bastante peixe. Muito fervor deve ter alcançado este senhor (o qual conheço e ainda vive) para se lançar ao mar, tendo em vista

que, de um modo geral, os Guarani não sabem nadar, temem o mar.... No entanto, afirmam que alguns poucos conseguiram o êxito, confirmado pelo desaparecimento do corpo. Esses eventos, segundo relatos, aconteceram no litoral, em Paranaguá (Pr), Itanhaém (SP), Parati Mirim e Bracui (RJ),¹⁶ perto de antigas ruínas de pedras, identificadas como *táva*.

Quero enfatizar que os Guarani Mbya, sendo um povo dinâmico e crítico, possuem interpretações e condutas distintas (o que não quer dizer opostas), observadas nos seus diferentes grupos familiares. E nem todos têm as mesmas esperanças. Há aqueles que já se conformaram que só sua alma retornará a *Nhanderu retã*. Há os que ainda têm a esperança, ou o desejo, de atravessar o oceano com o corpo e a alma e, superando a prova da morte, ser o testemunho da tradição de renovação e repovoamento do mundo terreno mbya, com as espécies originárias em *Nhanderu retã*.

Se, em outras palavras, *yvy marãey* é o próprio lugar/morada de *Nhanderu kuéry*, de onde provém as almas de seus filhos na terra, o seu alcance é o próprio retorno às origens em condições novas, é ampliar o espaço de transitar, é servir de elo e comunicação aos que se encontram nesses "dois mundos" e, através desse elo, garantir a indissociação de ambos e a perpetuação também do universo cultural Mbya.

¹⁶ A citação desses locais, de forma nenhuma exclui outras possibilidades não conhecidas por mim, nem divulgadas pelos Mbya.



Aldeia Morro do Cavalo, Santa Catarina (Brasil)

(Foto: M.I. Ladeira, 1996)

Bibliografía

- CADOGAN, León, *Las creencias religiosas de los MbyáGuaraníes*, **Boletín de Filología**, v. 4042, 1949.
- _____. *Las Reducciones del Tarumã y la Destrucción de la Organización Social de los MbyáGuaraníes del Guairá (Kafygua o Montes)*, in: **Estudios Antropológicos Publicados en Homenaje al Doctor Manuel Gamio**. México, 1956.
- _____. La Encarnación y la Concepción; la muerte y la Resurrección en la Poesía Sagrada "Esotérica" de los Jeguakava Tenondé Porã Gue i (MbyáGuaraní) del Guairá, Paraguay, **Revista do Museu Paulista**, v.4, São Paulo, 1950.
- _____. **Ayvu Rapyta** Textos míticos de los MbyáGuaraní del Guairá. Boletim n. 227 Antropologia n.5, FFCL / USP, São Paulo, 1959.
- LADEIRA, Maria Inês, **O Caminhar sob a Luz** O Território Mbya à Beira do Oceano. PUC, São Paulo, 1992.
- _____. *La Necesidad de Nuevas Políticas para el Reconocimiento del Territorio Guarani*. 49º Congreso Internacional de Americanistas, 1997.
- MELIÀ, Bartomeu, **El Guaraní: Experiencia Religiosa**. CEADUC CEPAG, Asuncion, 1991.
- _____. *La Tierra Sin Mal de los Guaraní: economía y profecía*, **Suplemento Antropológico**, 22, 2, Asunción 1987, p. 81-98.
- MONTOYA, Antonio Ruiz. **Tesoro de la Lengua Guaraní**. Faesy y Frick Maisonneuve, Viena Paris, 1876.